

A ESTRÉIA de "O Grande Momento" em São Paulo, em janeiro de 1959, foi obscura, sem publicidade, em época má, sob a indiferença de todo mundo, menos da crítica, que assinalou a importância do novo diretor. Ao mostrar a existência de submundos urbanos numa narração despojada, Roberto Santos, lembrou a existência de um Roberto Rossellini na Itália, de um Paddy Chayefsky nos EUA.. A mensagem do neo-realismo lançada na Europa por Rossellini e captada na América por Chayefsky-Delbert Mann, foi moldada por Roberto Santos às nossas condições, visando a um certo realismo social doutrinário.

"A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA", ao contrário da pouca preocupação formal de "O Grande Momento", apresenta uma direção bastante elaborada e revelando influências externas bem diferentes, como a de Akira Kurosawa. Num ponto fundamental encontramos o mesmo Roberto Santos de há 8 anos passados: o cineasta observador da realidade brasileira.

ROBERTO SANTOS afirma: "A Hora e Vez de Augusto Matraga" é um filme linear, bem cuidado tecnicamente, sem inovações de ordem narrativa, mas direto para o público, buscando comunicação com ele. "... Matraga" tem um sentido de observação psicológica muito maior que "O Grande Momento": não é um filme de análise psicológica, mas coloca o personagem frente ao seu ambiente, este influenciando sobre aquele. Creio que consegui apresentar na tela a exteriorização do interior de um homem. João Guimarães Rosa definiu Matraga como a estória de um valentão que se regenera sem perder a valentia; acrescentei a isto uma vírgula e uma palavra, inútilmente".

(De uma entrevista especial de Roberto Santos p/este progr.).

CICLO DO CINEMA BRASILEIRO

organizado por A. Carvalhaes

para o Foto-Cine Clube Bandeirante.

Apresentações aos sábados, às 16 horas.

A seguir: "Absolutamente Certo!" / "O Pagador de Promessas" /

"O Descobrimento do Brasil" / "Rio, 40 Graus" /

"Ravina".

QUANDO O FILME É BRASILEIRO ...

Quando o filme é brasileiro a coisa sempre muda de figura. O público torce o nariz e acha que não vai gostar. Os cinemas ficam às moscas. Os realizadores talentosos vão para a cerca aguardar anos pela próxima fita (Roberto Santos, Galileu Garcia, Rubem Biáfora, entre outros).

A verdade é que não há motivo para isto. Não há depois de "O Pagador de Promessas", "Noite Vazia" e "A Hora e Vez de Augusto Matraga" -para só citar três filmes, diversos entre si, mas de um nível artístico ou técnico que nada deixa a desejar.

Os brasileiros não conhecem seu próprio cinema. Toleram muito "abacaxi" importado e não prestigiam o esforço honesto dos nossos artistas. Por isto as frustrações, por isto as deserções.

Neste ciclo de exhibições que hoje iniciamos pretendemos apresentar para os que ainda não conhecem, ou para aqueles que desejam rever, um pouco do muito de bom que o cinema brasileiro fez em várias épocas.

Começamos com "O GRANDE MOMENTO", de Roberto Santos, no momento oportuno, no momento em que tôdas as atenções estão voltadas para seu segundo filme, o excelente "A Hora e Vez de Augusto Matraga". É a hora de rever "O Grande Momento", feito há 8 anos com muito talento, mas totalmente oposto ao "...Matraga". Rever, estudar e debater.

A seguir mostraremos outra estréia promissora na direção: a de Anselmo Duarte, em 1957, com "ABSOLUTAMENTE CERTO!". Num momento de transição da chanchada para um cinema mais consequente, o esforçado ator nos dava um exemplo digno de comédia, que, todavia, não fazia supor, futuramente, "O Pagador de Promessas" (e a Palma de Ouro) e "Vereda da Salvação".

"O PAGADOR DE PROMESSAS", um dos pontos altos da nossa cinematografia, dará sequência ao ciclo. A confirmação de Anselmo Duarte é também a confirmação do próprio cinema brasileiro como de nível internacional - o que Cannes reconheceu.

Mas, há quase 30 anos, existe "O DESCOBRIMENTO DO BRASIL", de Humberto Mauro, um dos 100 maiores diretores do mundo no dizer de Georges Sadoul. Será uma surpresa para os que ainda não o viram.

"RIO, 40 GRAUS", de Nelson Pereira dos Santos, representou o começo de um novo cinema, em 1955. Sua revisão faz-se necessária e indispensável.

Das mais aguardadas é a oportunidade de rever "RAVINA", o primeiro e único longa-metragem de Rubem Biáfora.

Não estão todos aqui. Faltam realizadores que mereciam figurar. Mas este ciclo é uma breve experiência do FCCB, que, se fôr correspondida por quantos se interessam pelo cinema como arte, não terminará aqui.